

Maio mês das noivas - Compromisso perene em tempos fragmentados

Por: Maria Clara Bingemer

Além de ser, primeira e principalmente, o mês de Maria, maio é também o mês das mães e o mês das noivas. É chique casar-se em maio, mês de temperatura amena e outono que parece primavera no Brasil. As lojas de objetos de casa fazem suas listas, os vestidos brancos e as grinaldas se multiplicam, as igrejas estão lotadas, sem uma vaga sequer por todo o mês e têm que ser marcadas com mais de um ano de antecedência. Os bufês faturam sua cota máxima neste mês onde jantares e banquetes festejam as uniões entre jovens homens e mulheres que diante de Deus e da lei civil comprometem-se a unir suas vidas para sempre, constituir família e dar filhos ao povo e ao mundo.

No entanto, o que também se vê, alguns anos ou mesmo alguns meses depois, o risonho maio transformado em setembro negro ou abril despedaçado. O amor que parecia acender rostos e corações afirma haver-se apagado. O vestido branco e as flores de laranjeiras jazem empoeirados a um canto da casa que já não é mais um lar. As separações, amigáveis ou litigiosas, deixam atrás todos os sonhos de um lar construído, dos filhos nascidos e ainda não criados, para partir cada cônjuge para um lado em busca de outra felicidade que o casamento não lhe soube dar.

Toda esta situação deve levar-nos a uma profunda reflexão, sobretudo a nós, católicos, para quem o matrimônio é um sacramento indissolúvel. O ideal que Jesus Cristo e sua Igreja nos propõe é aquele do compromisso com outra pessoa que não esteja vulnerável para ser afetado por mudanças de humores e desejos e ser descartado como uma roupa fora de moda. E, no entanto, a triste realidade é que, mesmo entre católicos, vemos mais e mais casamentos que se desfazem, que não conseguem levar para diante o compromisso assumido no altar.

Onde estão as noivas de maio? Onde foram parar seus sonhos e planos? Por que a certeza que iluminava seus rostos no momento do SIM se transformou em amarga tristeza e desilusão? Onde o compromisso? Onde as alianças trocadas? Onde o amor jurado muitas e muitas vezes e assumido publicamente? Devemos concluir que a proposta do Evangelho e da Igreja Católica ao homem e a mulher que se unem em matrimônio é um sonho impossível e ultrapassa os limites do humano?

A Igreja Católica sempre viu no casal cristão uma das suas grandes esperanças quanto à evangelização e formação de pessoas e mentalidades. Chamada de "Igreja doméstica" e lugar primigênio de evangelização, a família encontra lugar proeminente nos documentos oficiais da Igreja, que nela depositam grande parte de suas expectativas quanto à difusão da mensagem do Evangelho, à transformação das estruturas injustas da sociedade. Também e não menos, quanto à possibilidade de ser o celeiro das vocações sacerdotais e religiosas, ou seja, berço da formação de pessoas que irão dedicar integralmente suas vidas e o melhor de suas forças e energias ao anúncio do Evangelho e ao serviço da própria instituição eclesial. Um dos pontos certamente mais problemáticos para uma interação harmônica entre a família e a Igreja Católica nos tempos modernos diz respeito à sexualidade, componente indispensável da relação conjugal e, conseqüentemente, com inevitáveis incidências sobre a instituição familiar.

A dificuldade é reforçada pelo fato do discurso oficial da Igreja dever ser pronunciado em termos e dimensões universais, propondo-se como válido para todas as realidades que a universalidade (literalmente, "catolicidade") eclesial cobre. Isto exige da Igreja um rearticular-se permanente, para além de todas as finitudes que perpassam a concretude dos tempos, passando, portanto, muitas vezes, ao largo ou mesmo indo de encontro aos eventos que estão marcando a face da história e atingindo a vida e a conduta das pessoas.

Vejam os que se passa com relação à finalidade do matrimônio, por exemplo, sobre a qual a Igreja sempre afirmou - com base em Santo Agostinho - que "só a intenção de procriar é que legitima - ou escusa - as relações sexuais". A tradição posterior retoma esta máxima agostiniana - elaborada em contexto de valorização da fecundidade e contraposição aos maniqueus - reafirma-a, relegando o prazer sexual, a expressão conjugal do amor pelos esposos ao nível de fim secundário.

É com este discurso que a Igreja enfrentou todo o advento da revolução ou liberação sexual que varreu o Ocidente neste século, mas, sobretudo a partir dos anos 60. No momento em que as relações sexuais, por força do uso e divulgação dos novos métodos anticoncepcionais, libertavam-se das antigas normas morais e ganhavam os mais comportados lares, inclusive os que se regiam pelos padrões cristãos e católicos, a Igreja via-se desafiada a encontrar novas palavras para dialogar com um mundo convulso e revolucionado e com mentalidades re-estruturadas.

O Concílio Vaticano II, na sua Constituição "Gaudium et Spes", já introduz um elemento de novidade, ou melhor, de resgate da inspiração evangélica, ao propor o amor dos cônjuges como categoria central (e não mais fim secundário) do matrimônio, no interior da totalidade da fecundidade, vista de maneira mais ampla e abrangente que anteriormente. Ao movimento de controle da natalidade, já bastante intenso na primeira metade deste século, a Igreja vem respondendo sempre firmemente enfatizando a legitimidade apenas dos métodos naturais (abstenção, Ogino Knaus, Billings) de limitação da natalidade aos católicos como caminho para o exercício de uma paternidade ou maternidade responsáveis. Os documentos e pronunciamentos oficiais da Igreja afirmam e reafirmam uma visão da ética sexual que vê as expressões do amor apenas dentro do matrimônio e nos limites do quadro maior da fecundidade, fazendo os cônjuges parte do plano global do Deus Criador e Autor da vida. Por outro lado, também não se pode ignorar que pastoralmente, aos casos problemáticos, dolorosos e difíceis que muitas vezes se tornaram verdadeiros escolhos na vida dos cônjuges ao pleno exercício da sua sexualidade e, portanto, à estabilidade e harmonia de sua união, a Igreja vem mostrando atenção e solicitude maternais diferenciadas.

Mais: é na própria *Humanae Vitae*, - normalmente encarada como um documento rígido e que recuou nos passos dados pelo Concílio Vaticano II com respeito a uma maior abertura de visão da sexualidade cristã, - que se encontram orientações pastorais quanto ao dia a dia dos cristãos e que dão franco testemunho desta abertura. A Encíclica deixa de falar em "pecado grave" quando encoraja os esposos cristãos a se esforçarem por cumprir a doutrina do Magistério (n. 26); exorta os pastores a serem compreensivos com as dificuldades dos cônjuges no exercício de sua vida conjugal, não repetindo a obrigação dos confessores inquirirem e vasculharem as consciências dos penitentes a respeito da vivência de sua sexualidade. Pelo contrário, insta aos sacerdotes para que ajudem os cônjuges a "jamais se deixarem desencorajar" pelas dificuldades da vivência cristã de seu matrimônio (n. 29).

Isto é uma prova de que as noivas (católicas) de maio ou de outro mês qualquer não devem nem podem desanimar. Não devem ter medo de amar e de comprometer-se para sempre, acreditando que em nossos tempos já não se suportam mais compromissos permanentes. Ao contrário, ao mesmo tempo em que as desafia a assumir uma exigência forte e profunda, a Igreja como mãe carinhosa lhes oferece apoio e suporte afetivo e espiritual. Com isso, quer dizer-lhes que resistam à cultura das sensações, à volatilidade dos compromissos, à frouxidão dos laços afetivos que caracterizam nossa época e nossa sociedade. Quer dizer-lhes que amar alguém por toda a vida é possível, sobretudo quando este amor está selado pelo mesmo amor que Cristo tem a sua Igreja. Passar toda uma vida procurando fazer o outro feliz é um programa fascinante. E este é o conteúdo mais profundo do matrimônio cristão, às vezes tão mal compreendido por aqueles que o buscam para suas vidas.